

UM RÉQUIEM PARA SI MESMO

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA*

RESUMO

Este artigo é, antes de tudo, uma homenagem ao falecido poeta brasileiro Lêdo Ivo e, ao mesmo tempo, uma leitura e análise de seu livro *Réquiem*, publicado em 2008, quando celebrou seus 84 anos de idade. *Réquiem* é um dos seus mais belos e intensos livros e nele o poeta faz um balanço de toda a sua existência e saúda tanto a vida quanto a morte, que sente próxima.

PALAVRAS-CHAVE: Lêdo Ivo, poesia brasileira, poesia contemporânea, literatura brasileira.

Em 2008, aos 84 anos, Lêdo Ivo, um dos grandes poetas brasileiros do século XX, escreveu *Réquiem*, um livro de rara intensidade, que enfrenta de rosto aberto a morte, como é evidente já a partir do incipit da obra: “Aqui estou, à espera do silêncio” (Ivo, 2008a).¹ Quem conhecia o poeta, viu rapidamente no texto uma comovente despedida da esposa Leda, companheira de uma vida inteira (58 anos vividos juntos), que faleceu em 2004.

Trata-se, de fato, de poesia elegíaca, que se plasma na forma de um lirismo magmático e torrencial, em versos livres, por vezes muito longos, e uma linguagem rica de pathos dramático. Mas se *Réquiem* é saudação ao tempo do amor compartilhado, se é o balanço de toda uma existência, é também um apaixonado hino de louvor à vida e à beleza frágil das coisas do mundo, à luz que nos envolve como um véu cintilante até o momento em que nos é dado percebê-la, com todos os nossos sentidos.

Relendo esse livro à distância de quatro anos e, sobretudo, depois da notícia da morte repentina do poeta em Sevilha, onde ele fora para um dos tantos encontros poéticos e apresentações de livros, aos quais

* Università degli Studi di Perugia, Perugia, Itália.
E-mail: vera@veraluciadeoliveira.it

não se subtraía não obstante a idade avançada, estes versos parecem ser, e são, um dolente réquiem para si mesmo, um canto de despedida do homem lúcido, do intelectual consciente, do poeta que percorreu as distâncias do mundo, curioso de conhecer os diferentes modos de vida dos homens, à existência que fluía, nele, sempre mais rapidamente em direção ao seu término.

E, no entanto, a morte o encontrou vivo, até mesmo porque a morte, bem como a vida, sempre teve, para ele, a mesma energia e intensidade do fogo: “a morte é uma fogueira” (Ivo, 2008a), afirmou em um verso. Lêdo Ivo não se rendeu, não buscou atenuantes ou paraísos consoladores que fizessem com que fosse menos doloroso o encontro final com a “indesejável de todas as gentes”, segundo a conhecida definição de Manuel Bandeira, amigo querido de Lêdo Ivo.

Vendo-o ativo e dinâmico, no auge de sua força criativa, logo que soube de sua morte, pensei que somente assim ele poderia ter-se ido embora, repentinamente e durante uma das viagens, de forma que pudesse passar de um percurso a outro quase sem perceber. Não poderemos mais esperar, agora, que retorne com a bela bagagem de versos límpidos, com os quais iluminava os territórios obscuros da alma humana.

Toda a poesia de Lêdo Ivo é, na verdade, um canto de louvor ao universo, em toda a sua dimensão de beleza e dor, é uma espécie de oração laica de um céptico que nunca deixou de buscar Deus. O *Réquiem* de Lêdo Ivo assemelha-se, estranhamente, às bem-aventuranças evangélicas do “Sermão da Montanha” (Mateus, 5, 3-11; Luca, 6, 20-22), tanto na estrutura quanto no sentido mais radical, de discurso que contradiz normas e máximas estabelecidas e consolidadas:

Felizes os que partem.
Não os que chegam aos portos apodrecidos.
Felizes os que partem e não regressam jamais.
[...]
Felizes os que viveram mais de uma vida.
Felizes os que viveram vidas inumeráveis.
Felizes os que desaparecem quando os circos vão embora.
[...]
Felizes os que moram nas ilhas periféricas

e são rodeados ao cair da noite por uma nuvem de tanajuras.
Felizes os sedentários que um dia foram embora.
(Ivo, 2008a, s.p.)

Podemos vislumbrar nesses versos, ao fundo, a imagem de outro grande poeta e místico, Francisco de Assis, que, no seu “Cantico delle Creature” (Cântico das Criaturas), de 1226, o mais antigo texto poético da língua italiana, louva e saúda os elementos do universo, incluindo a nossa *Sorella Morte* (Irmã Morte). Por outro lado, por quão diferentes tenham sido, e não obstante o espírito irônico e tantas vezes mordaz e dessacrante do intelectual, Lêdo sempre me fez pensar na figura, para mim cara, de Francisco de Assis. Talvez pela simplicidade do homem e pela essencialidade e profundidade vertiginosa do poeta, por aquele seu ir direto à raiz de cada coisa.

Lêdo amava as criaturas do mundo, até mesmo as mais humildes e aparentemente bizarras e grotescas, muito presentes em seu universo poético, como as formigas, as aranhas, os moluscos, os caranguejos, os morcegos, os urubus, cada uma delas úteis à economia e à harmonia do universo. Acolhia em sua casa de Teresópolis muitos cães abandonados (tinha, ao todo, vinte e dois cães). A uma cadela, que gostava muito dele, dera o nome de Tadinha. Quando lhe perguntei sobre a origem daquele nome singular, respondeu-me que lhe tinha vindo instintivamente, tendo-a encontrado um dia semimorta pelos maus-tratos.

Intelectual de inteligência poliédrica e vivaz, Lêdo Ivo nasceu em 1924, em Maceió. Recebeu a primeira formação literária em Recife e, em 1943, mudou-se para o Rio de Janeiro, com o sonho de se tornar um grande escritor. Formado em Direito, trabalhou muitos anos como jornalista. Sua estreia literária deu-se em 1944, com *As imaginações*, livro de poemas ao qual se seguiram muitos outros.

Além da poesia, dedicou-se à prosa, publicando romances, contos, livros infantojuvenis, volumes de ensaios e de memórias. Recebeu muitos prêmios em sua longa carreira e, em 1990, foi eleito intelectual do ano. Suas obras poéticas foram traduzidas e publicadas em vários países, incluindo Espanha, Inglaterra, Dinamarca, Holanda, Itália, Estados Unidos, México, Peru, Chile, Venezuela, Grécia. Foi membro da Academia Brasileira de Letras desde 1986 e indicado várias vezes para o Nobel.

Referi-me, acima, ao espírito inquieto e à paixão do escritor pelas viagens. Suas raízes, no entanto, estavam bem firmes em sua terra natal, Maceió, cidade portuária, que o tinha habituado, desde a infância, a confrontar-se com a imensidão do oceano. As imagens mais nítidas e fortes de sua poesia reportam sempre a esse núcleo vital de experiências, que marcaram os primeiros anos de vida do menino curioso e sensível. Povoam seus versos figuras modestas e humildes de um Nordeste por tanto tempo às margens da economia de mercado, com seus velhos solitários nos bancos das praças públicas, o ir e vir incessante e confuso de retirantes carregados de bolsas e malas nas pequenas estações do interior, os loucos dos manicômios, os vivos e mortos que se acusam de culpas e pecados que não se cancelam, os cães vadios que vagueiam pelo porto, os pássaros e peixes marinhos que habitam os mangues, onde terra e água se dissolvem. Referindo-se a Maceió e ao estado de Alagoas, afirma o autor, em *Confissões de um poeta*, livro de memórias publicado em 1976:

Quem nasce aqui, respira desde a infância um aroma de açúcar, vento, peixe e maresia, sente que o oceano próximo cola em todas as coisas e seres um transparente selo azul. [...] No alto da colina, o branco farol da minha terra vai iluminar a noite, quando esta vier esconder as aranhas e lacrais, e os sonhos e os segredos dos homens. Luz branca. Eclipse. Luz encarnada. Os feixes do farol clareiam os telhados enegrecidos pelas chuvas, as ladeiras, os coqueirais que cantam e dançam na noite longa, os mangues onde água e terra se dissolvem, os cajueiros floridos. No universo redondo, entre os goiamuns ocultos na lama negra das alagoas e as constelações, entre os fogos de santelmo e os cantos dos galos, o farol de Maceió guia os navios e os homens. (Ivo, 1994, p. 23)

Todo esse universo, ligado às suas origens e à história familiar, retorna em *Réquiem*, em um momento em que o poeta se defronta com o fim último da vida. Freud afirma que a morte é, para nós, sempre vista como morte dos outros e que somos psicologicamente incapazes de conceber a nossa própria morte. Contudo, por quanto seja doloroso e difícil confrontar-se com essa realidade, os poetas o fazem, os poetas atravessam esse e outros limiares e indagam sobre as experiências mais extremas e dolorosas, adentrando-se por territórios obscuros, levando

consigo as palavras, como o fez Lêdo Ivo em *Réquiem*: “Além do frio e do calor [...] / há um não-lugar que dispensa a súplica e a esperança / e enxota a solenidade e a reverência.” (Ivo, 2008a, s/p.). Por essa porta, por essa linha de fronteira, o poeta se entranha e prossegue até onde um homem pode chegar na plenitude e no denso de sua vida.

Enquanto a luz do crepúsculo roça seus ombros e as cores explodem sobre as casas e sobre o “mar rasgado pelas ondas” (Ivo, 2008a), Lêdo retorna aos lugares da infância e, diante do arsenal apodrecido e dos navios deixados a definharem no porto, põe-se a fixar o horizonte sem fim, a dialogar com o dia e com a noite próxima, a chorar a dor de ser uma criatura mortal com o desejo lancinante de eternidade, com a necessidade de salvar da morte os seres e lugares mais queridos, com a impotência e a fragilidade que, inexoravelmente, nos marcam e definem e que, sobretudo, ele sente sobre os ombros frágeis de homem idoso:

Agora a noite desce para sempre.
Meu olhar fatigado segue a canoa
que se afasta dos manguezais.
Uma luz na restinga. Um caranguejo na lama.
E a vida se evapora como as almas
no céu que não abriga nenhum deus.
[...]
Chegou a hora de dizer adeus à água negra
que marulha na treva da laguna
e ao vento planetário que seca os peixes
pendurados nos varais das palhoças
e ao mar caeté que se abriu
diante das falésias de minha pátria perdida.
(Ivo, 2008a, s.p.)

Diante do não lugar e do não espaço, que é como ele define a geografia da ausência e do vazio, a palavra poética se levanta, em um dos livros mais intensos do autor, reivindicando o amor pelo mundo e por suas criaturas frágeis e belas. As estrofes anafóricas dos vários poemas de *Réquiem* se configuram como uma profissão de fé no poder e na força da poesia:

Sempre amei o dia que nasce. A proa do navio,
a claridade que avança entre as sombras esparsas,
o longo murmúrio da vida nas estações ferroviárias.

[...]

Sempre amei o trovão que dilacera a tarde,
a ferrugem e a chuva, os amores que acabam
e a fumaça que sobe dos pneus esfolados.

[...]

E sempre amei o amor, que é como as alcachofras,
algo que se desfolha, algo que esconde
um verde coração indesfolhável.

[...]

Sempre amei o que vive na água negra dos mangues.
Sempre amei o que nasce. Sempre amei o que morre
quando a noite desaba sobre as casas dos homens.

(Ivo, 2008a, s.p.)

Réquiem é um adeus luminoso, uma trilha de palavras densas que o poeta deixa como um cometa que passa, com sua longa calda de estrelas, como uma oferta, como um dom e um consolo a nós leitores, que ficamos órfãos da sua pessoa.

A REQUIEM FOR HIMSELF

ABSTRACT

This article is above all a tribute to the late Brazilian poet Lêdo Ivo and at the same time a reading and analysis of *Requiem*, his book published in 2008, when he was celebrating his 84th anniversary. *Requiem* is one of his most beautiful and intense books, one through which he looks into his whole life and welcomes both life and death, which he feels shortly to happen.

KEY WORDS: Lêdo Ivo, Brazilian poetry, contemporary poetry, Brazilian literature.

NOTA

- 1 *Réquiem* foi por mim traduzido e publicado na Itália, com o título *Requiem*, Lecce: Besa Editrice e Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere, Università del Salento, Lecce, 2008b.

REFERÊNCIAS

Ivo, Lêdo. *Confissões de um poeta*. 3. ed. Maceió: Sergasa, 1994.

_____. *Réquiem*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008a.

_____. *Requiem*. A cura di V. L. de Oliveira. Lecce: Besa Editrice e Dipartimento di Lingue e Letterature Straniere, Università del Salento, 2008b.